

A celebração da diversidade

Correio Mercantil, 24.11.06



Adélia Borges*

Até alguns anos atrás os fluxos culturais tinham, grosso modo, uma mão única de direção: do hemisfério Norte para o Sul, ou do centro para a periferia. O triângulo Nova York-Londres-Paris — jocosamente chamado de “circuito Helena Rubinstein” — ditava tendências, comportamentos e padrões de consumo para o resto do mundo. Nos anos recentes, contudo, as direções dos fluxos culturais estão se diversificando e se tornando mais complexas.

Vários indícios mostram essa substituição da unidirecionalidade pela multidirecionalidade. Na culinária, em vez da ênfase na padronização do *fast food*, que seria uma suposta garantia de confiabilidade, celebra-se no *slow food* a diversidade dos ingredientes regionais e das formas locais de preparação dos alimentos. O mercado do cinema começa a sair da hegemonia de Hollywood e se abre para filmes produzidos em “países distantes”, como o Irã e a Argentina. E se na França, onde os presidentes da República costumam marcar sua gestão com uma grande obra cultural — Pompidou fez o Beaubourg; Giscard d’Estaing, o Museu d’Orsay; Mitterrand, a pirâmide do Louvre —, não por acaso a escolha de Jacques Chirac foi fazer o maior templo de arte tribal do mundo, o Musée du Quai Branly, inaugurado em junho último.

Esse interesse pela alteridade ocorre não só entre países, mas também intrapaíses. No Brasil, é sintomático que o primeiro número da revista de moda lançada pela São Paulo

Fashion Week tenha escolhido a África — e não Milão! — como eixo temático. Ou que a Rede Globo, que até poucos anos atrás propagava para todo o País quase exclusivamente o sotaque e os padrões de comportamento da zona sul carioca, agora passe a inserir em sua grade programas como o “Central da Periferia” e a recém-lançada série “Antônia”.

É este cenário que explica o grande interesse despertado no público pela mostra “SOMOS a Criação Popular Brasileira”, atualmente em cartaz no Santander Cultural, em Porto Alegre. Feita por uma excelente equipe sob a liderança da arquiteta e designer pernambucana Janete Costa, uma das primeiras, no Brasil, a estudar, expor e apoiar sistematicamente as expressões visuais da periferia, fora do *mainstream*, a exposição evidencia a grande diversidade da criação artística popular no Brasil como patrimônio cultural vivo, sem fronteiras. Longe de enquadrar a arte popular no gueto do exótico e do distante, mostra a inventividade de autores anônimos ou celebrados como uma expressão privilegiada da experiência artística e cultural do País hoje.

A reflexão suscitada pela exposição foi aprofundada de terça a quinta-feira desta semana, quando o Santander Cultural realizou o seminário “O Código da Visualidade — Brasil/ América Latina”. Se o título da exposição “SOMOS” remete diretamente à questão da identidade — quem somos, o que queremos, para onde vamos —, o seminário problematizou esta herança identitária, ou seja, o DNA da visualidade brasileira, sem congelá-la no passado, mas trazendo-a para o presente.

Com a participação de es-

pecialistas, como o designer de modas mineiro Ronaldo Fraga, a curadora carioca Lélia Coelho Frota e o designer industrial gaúcho Nelson Petzold, o seminário discutiu o que se faz ou se pode fazer com esse DNA na contemporaneidade, especialmente no campo da criação de novos produtos, em vários segmentos.

Um dos pioneiros do design no Brasil, Aloísio Magalhães, criador da Fundação Nacional Pró-Memória, propunha um mergulho no passado como modo de tomar o impulso ne-

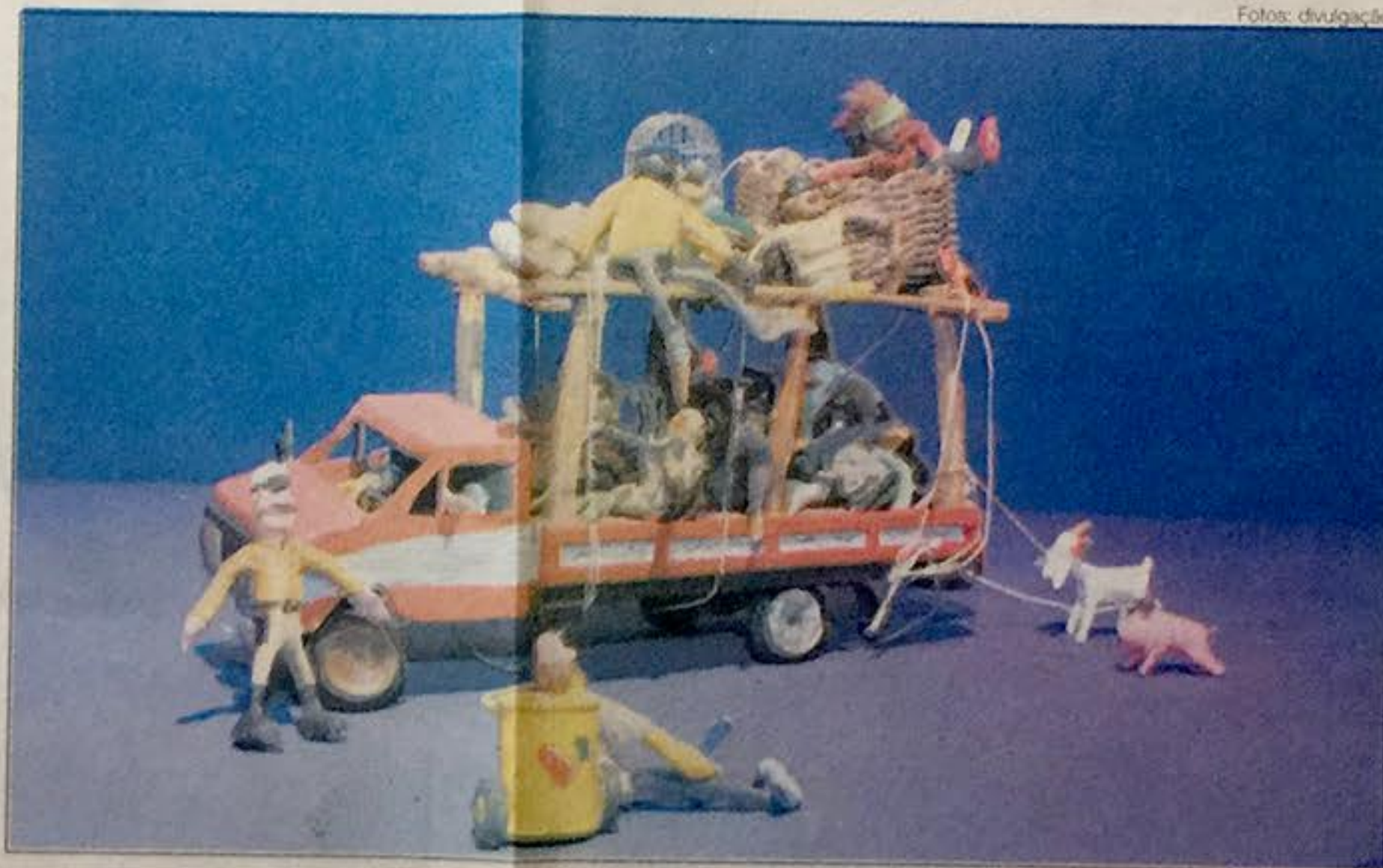
Herança do Olhar: o Design de Aloísio Magalhães”.

As idéias de Magalhães durante muito anos pouco ecoaram. Nosso design erudito ficou extremamente marcado pelas idéias funcionalistas da Escola de Ulm — de onde vieram o programa e alguns professores para a nosso primeiro curso universitário em design, a Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) do Rio de Janeiro. De acordo com as máximas funcionalistas, o bom design independe de tempo e lugar; e a forma

interesse não apenas pelo modo de reprodução industrial, como se ensina nas escolas de design, mas também por formas semi-industriais, semi-artesanais e artesanais, revolucionando a vida de artesãos País afora, que da miséria agora passam a ter uma nova inserção na sociedade e produtos inseridos em mercados sofisticados, de alto valor agregado.

Essa tendência ocorre não só no Brasil, mas também em vários países vizinhos da América Latina. Uma das experiências decisivas para a sua

Fotos: divulgação



A exposição “SOMOS”, em Porto Alegre, evidencia a diversidade do design brasileiro

cessário para projetar o futuro. Ele utilizava para isso a metáfora do estilingue, afirmando que quanto mais atrás se puxam as tiras de borracha, mais longe a pedra alcança. Assim, na sua visão, deveria ser a nossa forma de ver o passado e como ele pode influenciar nosso futuro, como lembra o designer carioca João de Souza Leite, que trabalhou com o mestre nos idos dos anos 60 e ganhou no ano passado o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira na categoria “Ensaio Crítico” pela organização do livro “A

segue tão somente a função, sem se deixar “contaminar” por outras variáveis.

Na década de 90, um silencioso movimento começou a se difundir País afora, em que os designers foram atrás dos sinais identitários locais — todo um conjunto de elementos que formam a cultura de um lugar, passando dos materiais disponíveis na região às técnicas de produção, modos de fazer e de viver, natureza, arquitetura, música, etc. — para a partir deles desenvolver o seu trabalho. Esse movimento fez surgir o

propaganda é o Circuito Identidades Latinas, liderado pela argentina, radicada no Chile, Laura Novik e pela brasileira Celiane Refosco, que vêm promovendo laboratórios criativos voltados para a questão identitária em países como o Uruguai, Colômbia e Chile. Esse fervilhar, por sua vez, influencia diretamente o design erudito, como mostra o trabalho dos irmãos Campana no Brasil e de Alejandro Sarmiento, Martin Chuba e Diana Cabeza na Argentina, para citar apenas alguns nomes.

A metáfora proposta pelo artista plástico mineiro José Alberto Nemer, um dos colaboradores da mostra “SOMOS”, para este movimento é reveladora. Ele foi buscar num fenômeno natural, a piracema, que designa a subida dos peixes em direção às nascentes para fins de reprodução, para a denominação do Laboratório de Design do qual participa, com sede em Porto Alegre. “Por motivos que só a natureza sabe, os peixes são movidos por incontida pulsão de voltar ao lugar onde nasceram, para nele projetar o futuro por meio da desova. Portanto, a imagem de um mergulho na tradição para a partir dela instalar a vanguarda é a linha estrutural do Laboratório de Design. O movimento dos peixes em direção às nascentes é o mesmo que o laboratório pretende fazer em direção às fontes culturais, às incontáveis manifestações da forma que emergiram ao longo do tempo e que continuam a emergir habitando o nosso cotidiano”, explica ele.

Essas fontes culturais formam o DNA da nossa visualidade, que deve ser estudado não apenas no que diz respeito às formas, mas de atitudes, comportamentos, posicionamentos, etc. O sucesso das sandálias havaianas em mais de 80 países, em cinco continentes, posicionada no mercado *top* de consumo com base justamente em seus atributos intangíveis de brasilidade, mostra a extensão que esse DNA pode alcançar. A multidirecionalidade dos fluxos culturais pode trazer, assim, novas oportunidades para a criação brasileira na contemporaneidade.

*Curadora, professora e jornalista, tendo sido editora de design do Caderno Fim de Semana. Desde maio de 2003 dirige o Museu da Casa Brasileira, em São Paulo. É a coordenadora do seminário “O Código da Visualidade”